

Literatura Infantojuvenil impressa em Língua de Sinais: novos leitores, novos protocolos de leitura

Children's literature printed in Sign Language: new readers, new reading protocols

Daniela Gomes Gumiero*
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

356

Arlene Batista da Silva*
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo descrever a materialidade de obras de literatura infantil e juvenil em Língua Portuguesa e Libras numa perspectiva bilíngue para surdos no contemporâneo. Tomou-se como base teórica os estudos de Roger Chartier e de pesquisadores da área da Libras, Literatura e Tradução como Marianne Stumpf, Audrei Gesser, Marisa Lajolo, Madson Barreto entre outros. Baseado no método documental, verificou-se que a tradução em escrita de sinais reconstrói os sentidos do texto fonte por meio de paráfrases, supressões e acréscimos, constituindo um texto completo em si, mas que ao mesmo tempo pode ser lido no conjunto formado por três textos: em português, em escrita de sinais e em imagens. Observa-se que a inserção da tradução é carregada de intenções de se construir a prática de leitura de um novo registro escrito para as crianças surdas que insurge contra a submissão ao texto em português.

* Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantojuvenil. Libras. Acessibilidade.

ABSTRACT: This paper aims to describe the materiality of children's and youth literature in Portuguese and Sign Language (LIBRAS) from a bilingual perspective for the deaf in contemporary times. The theoretical basis was the studies of Roger Chartier and researchers in the area of Sign Language (LIBRAS), Literature and Translation such as Marianne Stumpf, Audrei Gesser, Marisa Lajolo, Madson Barreto among others. Based on the documentary method, it was found that the written translation of signs reconstructs the meanings of the source text by means of paraphrases, deletions and additions, constituting a complete text in itself, but at the same time, it can be read in a set consisting of three texts: in Portuguese, in written sign language and in images. It is observed that the insertion of the translation is loaded with intentions to build the practice of reading of a new written register for deaf children that insurges against the submission of the Portuguese text.

KEYWORDS: Children's and youth literature. Sign Language (LIBRAS).

Desde 2002, a comunidade surda brasileira alcançou importantes conquistas no que se refere ao reconhecimento da cultura surda e a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Apesar desses avanços, o reconhecimento de seus artefatos culturais no campo artístico, escolar e midiático é marcado por lutas históricas e representações sobre a surdez, com as quais o surdo não compartilha. A esse respeito, são esclarecedoras as palavras de Karnopp (2010, p. 160):

No panorama da educação de surdos, é possível constatar que, para muitas pessoas, torna-se irrelevante e, para outras, decididamente incômoda, a referência a uma cultura surda. Em menor grau ainda, se discute a situação bilíngue de surdos. Em geral, em um contexto escolar ou clínico onde não se tolera a língua de sinais e/ou a cultura surda, há um completo desconhecimento dos processos e dos produtos que determinados grupos de surdos geram em relação ao teatro, ao brinquedo, à poesia visual, à literatura em língua de sinais, etc..

Colabora para a invisibilidade dessas produções a reificação da literatura erudita por parte da crítica literária e das academias de letras, que descredita as narrativas em línguas de sinais e histórias publicadas por/sobre surdos, vistas como objetos sem valor literário. De acordo com Chartier (2011), essas instituições de consagração das produções literárias

[...] procuram impor seu controle e seu monopólio à escrita, e todos aqueles, e mais ainda todas aquelas, para quem saber ler e escrever foi a promessa de um domínio sobre seu destino. Cada dia, para o pior e para nossa vergonha, a crueldade de nossas sociedades diante dos

excluídos da escrita e daqueles que a miséria do mundo e a brutalidade das leis deixaram sem documentos lembra as implicações éticas e políticas relacionadas ao acesso à escrita (CHARTIER, 2011, p. 276).

Fazendo um contraponto à constatação de Chartier, parece-nos que o poder soberano dado a essas instituições vem sendo questionado, século XXI, por sujeitos surdos que retratam nas narrativas a constituição de sua identidade e a condição de exclusão na qual estão inseridos.

No século XVIII, segundo Lajolo (2001), o surgimento da “industrialização contribuiu para a multiplicação de leitores (mulheres, jovens, crianças), diferentes produções literárias (romances, novelas) em diferentes suportes (folhetins, jornais, livros de bolso)” (LAJOLO, 2001, p. 75-76). Igualmente, hoje, produções literárias em Libras ganham destaque graças ao avanço da tecnologia da informação e, sobretudo, de autores, professores, ilustradores e tradutores surdos e ouvintes que se posicionam contra a cultura vigente e atuam de forma consciente como produtores e multiplicadores das manifestações artísticas de sua comunidade.

358

Contra-pondo-se aos modelos de valoração estética já fixados, esse grupo torna a literatura contemporânea um território contestado, pois, conforme Lajolo (2001), cada grupo social “[...] modula conceitos de literatura que correspondem ao contexto de produção de seu tempo, aos horizontes dos leitores, às práticas de leitura em vigor.” (LAJOLO, 2001, p. 25). Concordamos com a autora ao reconhecer que a literatura infantojuvenil em Libras, os leitores surdos e os modos de leitura dessas obras só ganham existência e visibilidade como artefato cultural pelo envolvimento da comunidade surda que busca (de)marca uma nova identidade social e proclama: “isto é literatura!”.

Na confluência dessas práticas, professores, tradutores e ilustradores participantes da comunidade surda procuram viabilizar o acesso à leitura de textos escritos em português, com traduções dos clássicos infantis para Libras - em vídeo ou impressas - em versão bilíngue (português e escrita de sinais pelo sistema *SignWriting*).

A partir dessas considerações, foi realizada uma pesquisa bibliográfico-documental, organizada sob a forma de um breve catálogo da literatura infantojuvenil em versão bilíngue (português-escrita de sinais) produzida no Brasil, nas três últimas décadas. Apoiados nos Estudos de Chartier (2011), Lajolo (2001), Karnopp (2010) dentre outros, buscaremos entender os processos de produção, protocolos de leitura, circulação e consumo dessas obras.

Literatura bilíngue (português-escrita de sinais pelo sistema *SignWriting*)

De acordo com Gesser (2015), até bem pouco tempo atrás, acreditava-se que as Línguas de Sinais não possuíam representação escrita, ou seja, eram consideradas línguas ágrafas. No Brasil, a Libras foi sancionada como língua de instrução, enquanto o português escrito se manteve como língua de registro para os surdos. Nessa lógica, o surdo é, impositivamente, constituído como bilíngue, vivendo num entremeio linguístico, pois o conhecimento produzido em língua de sinais será inevitavelmente registrado na língua do outro.

Contrariando a definição de que as Línguas de Sinais seriam ágrafas, estudos recentes (SILVA, 2018; MORAIS, 2016; BARRETO E BARRETO 2015; DALLAN 2013) lançaram luzes sobre um modo de representação simbólica de línguas de modalidade visuoespacial conhecido como escrita de sinais.

A escrita da Língua de Sinais pelo sistema *SignWriting* (doravante SW) foi criada em 1974 por Valerie Sutton e pesquisadores da Língua de Sinais dinamarquesa. Esses últimos foram os primeiros a perceber as semelhanças entre as notações de Sutton e a Língua de Sinais. A partir daí, pesquisadores de diversos países passaram a estudar essa possibilidade de escrita, encontrando nela características interessantes para o registro escrito de línguas de modalidade visuoespaciais (BARRETO E BARRETO, 2015).

No Brasil, esse sistema de escrita chegou à região sul, a partir de 1996, com o grupo de pesquisa liderado pelo Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa e pela professora Dr^a Márcia de Borba Campos. Destaca-se Marianne Stumpf como precursora e estudiosa da escrita de sinais. O “Manual de *SignWriting*” e o livro infantil “Uma Menina chamada Kauana” foram as primeiras obras traduzidas em SW no país (STUMPF, 2005).

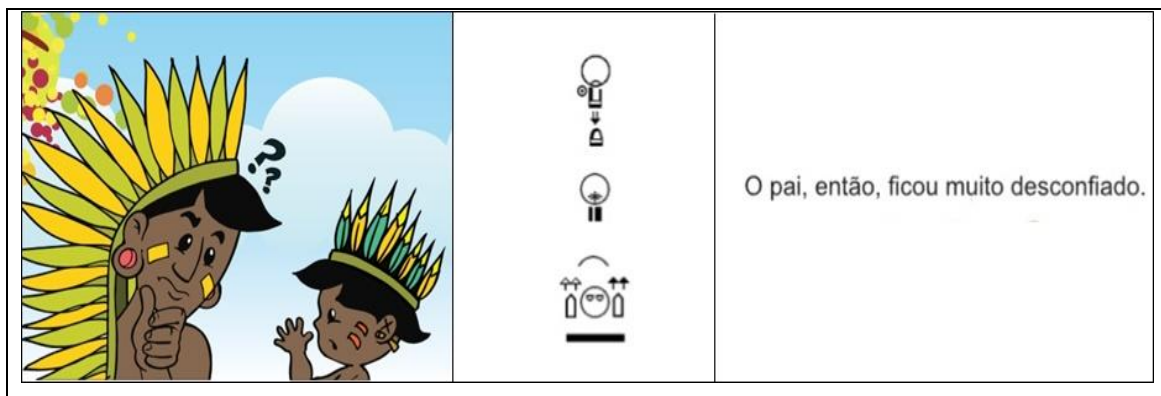


Imagem 1 - Ilustração seguida registro em de escrita de sinais e em português do livro “Negrinho e Solimões” (MONTEIRO, 2014, p. 32).

De acordo com Stumpf (2008), os primeiros registros em *SignWriting* no Brasil foram grafados de forma semelhante à língua portuguesa, ou seja, de forma horizontal. Com o aprofundamento dos estudos na área, seguindo a lógica do corpo humano, os sinais passaram a ser registrados na forma vertical. Alguns sinais são icônicos, mas vale ressaltar que tal escrita não é ideográfica, são registros linguísticos. Para o público surdo, esse detalhe é muito importante, pois facilita o entendimento dos sinais, do conteúdo escrito e do contexto da leitura com mais precisão, sem ficar preso somente à decodificação (BARRETO E BARRETO, 2015).

Strobel (2008) cita a escrita de sinais pelo sistema *SignWriting* como um artefato cultural linguístico e um fato histórico para o povo surdo, pois em outros tempos acreditava-se na impossibilidade de se expressar em Libras na forma escrita. Mais que uma questão de visibilidade para essa comunidade, a escrita de sinais permite o registro do vocabulário, a descrição das regras linguísticas

e discursivas para sua utilização, preservando, assim, termos e modos de sinalizar que desaparecem com o tempo. Outrossim, o registro escrito é a oportunidade de se produzir cultura a partir do modo como os surdos compreendem o mundo.

Vale destacar que a SW coexiste com outras formas de registro da Libras, tal como a utilização de personagens em 2D que já é bem conhecida na literatura escrita surda. Como um dos diferenciais, esse material oferece o visual mais familiarizado ao público alvo, pois além das ilustrações que são características nas literaturas infantis e juvenis, os personagens em 2D permitem a visualização dos sinais em Libras. Considerando que estudos (STUMPF, 2005; BARRETO E BARRETO, 2015) defendem a escrita pelo sistema *SignWriting* como registro da língua de sinais, este trabalho não aprofundará as investigações em torno das publicações impressas em Libras na versão 2D.



Imagem 2 - Ilustração seguida de escrita da Libras em 2D e em português do livro “A lenda da erva-mate” (CASARIN, 2006, p. 3).

Por ser um código recente, a leitura e a escrita em *SignWriting* ainda é pouco utilizada nas situações comunicativas cotidianas pela maioria dos surdos brasileiros. As obras bilíngues são voltadas para o público infantojuvenil, produzidas com o objetivo de criar uma literatura na qual os surdos se reconheçam pelo uso da língua, pelos costumes e não por personagens estereotipados como deficientes e sujeitos sem voz. As primeiras publicações impressas em versão bilíngue foram “Uma menina chamada kauana” (1997),

“Livrinho do Betinho” (2002), “Rapunzel Surda” (2003), “Cinderela Surda” (2003), “Patinho surdo” (2005), “Feijãozinho Surdo” (2009).

CAPA		Título: Uma menina chamada Kauana
		Autor: Karin Lilian Strobel
		Tradutores: Marianne Rossi Stumpf e Antônio Carlos da Rocha Costa
		Ilustrador: Karin Lilian Strobel
		Dados complementares: Ano de publicação: 1997; Editora: Feneis; Obra Bilíngue LP/SW; Impresso; SW escrita na horizontal; disponibilização de glossário ao final da obra; somente capa colorida; primeira publicação em 1995 utilizando a Libras sinalizada por meio de personagem 2D; Disponível em: < http://signwriting.org/library/childre n/uma/uma.html >

Imagem 03 - literatura infantojuvenil em versão bilíngue (STROBEL, 1997)

CAPA		Título: Livrinho do Betinho
		Coodenação geral: Antônio Carlos da Rocha Costa
		Coordenação pedagógica: Ivana Gomes da Silva
		Tradução português/libras: Diogo Souza Madeira
		Dados complementares: Ano de publicação: 2002; Editora: Fanzona; Impresso; Obra bilíngue LP/SW; SW escrita na horizontal; ilustrações coloridas, conservamos a descrição dos produtores igual consta na obra; Disponível em: < http://www.signwriting.org/archive/docs1/sw0063-BR-LivRinHo.pdf >

Imagem 04 - literatura 362nfanto-juvenil em versão bilíngue (STROBEL, 1997)

CAPA		Título: Cinderela Surda
		Autores: Carolina Hessel, Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa
		Tradutora: Marianne Rossi Stumpf
		Ilustrador: Everaldo Manica Ficanha
		Dados complementares: Ano de publicação: 2003; Editora: Ulbra; Impresso; releitura do clássico Cinderella; obra bilíngue LP/SW; Impresso; SW escrita na horizontal; ilustrações coloridas; Fonte: < https://www.editoraulbra.com.br/catalogo/prduto/297/CINDERELA-SURDA >; Visualização: < https://books.google.com.br/ >

Imagem 05 - literatura 363nfanto-juvenil em versão bilíngue (HESEL; KARNOPP; ROSA, 2003).

CAPA		Título: Rapunzel Surda
		Autores: Carolina Hessel, Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa
		Tradutora: Marianne Rossi Stumpf
		Ilustrador: Everaldo Manica Ficanha
		Dados complementares: Ano de publicação: 2003; Editora: Ulbra; Impresso; Releitura do clássico Rapunzel; Obra bilíngue LP/SW; SW escrita na horizontal; Ilustrações coloridas; Fonte: < https://www.editoraulbra.com.br/catalogo/produto/214/RAPUNZEL-SURDA >; Visualização: < https://books.google.com.br/ >

Imagem 06 - literatura infantojuvenil em versão bilíngue (HESEL; KARNOPP; ROSA, 2003).


CAPA		Título: Feijãozinho Surdo
		Autora: Liège Gemelli Kuchenbecker
		Tradutoras: Erika Vanessa de Lima Silva e Ana Paula Gomes Lara
		ilustradora: Liège Gemelli Kuchenbecker
		Dados complementares: Ano de publicação: 2009; Editora Ulbra; Impresso + digital; Obra bilíngue LP/SW; SW escrita na vertical; Ilustrações coloridas; Fonte: < https://www.editoraulbra.com.br/catalogo/produto/298/FEIJOZINHO-SURDO >

Imagem 07 - literatura infantojuvenil em versão bilíngue (KUCHENBRCKER, 2003).

As primeiras publicações estão claramente comprometidas com a criação de um outro modo de representação do surdo que se dá de diferentes maneiras: a) pelos personagens que sinalizam suas vontades, fazem apontamentos, usam expressão corporal e facial para retratar sentimentos; b) pelo enredo que aborda a descoberta da surdez por parte da família, a dificuldade de comunicação entre personagens surdos e ouvintes, o encontro surdo-surdo; c) pela escrita em *SignWriting* em destaque desde a capa; d) pela valorização da diferença linguística. Tudo isso é relatado sem o efeito de estranhamento e/ou descontentamento, mas como comportamentos próprios dos surdos, conforme descrito em *Rapunzel Surda*:

Passaram-se anos, Rapunzel cresceu e a bruxa percebeu que a menina não falava, mas tinha uma grande atenção visual. Rapunzel começou a apontar para o que queria e a fazer gestos para muitas coisas. A bruxa então descobriu que a menina era surda e começou a usar alguns gestos com ela (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003, p. 12).

Entendemos, com isso, que há nessas produções a intenção de desconstruir a representação de surdez fincada em traços negativos presentes na mente dos leitores e deslocar essas representações para fora do discurso sobre a deficiência “para o campo da diferença linguística, da experiência visual, da identidade múltipla” (SKLIAR, 1998, p. 11).

Os livros bilíngues mais recentes como “O sol e as ovelhas” (2010), “Manolito, O palhaço tristonho” (2014), “Os mistérios do Jardim de Mimi e Lulu” (2015) são publicações desenvolvidas por editoras de pequeno/médio porte, contendo um projeto gráfico que preenche harmonicamente os espaços da página com ilustração e textos (em português e *SignWriting*), oferecendo ao leitor caminhos e enigmas a serem desvendados. As obras de Angélica Rizzi abordam temáticas não relacionadas explicitamente ao surdo e à surdez: o palhaço Manoelito, que vivia triste até encontrar um mago que descobre um antídoto que lhe faz sorrir; e a tímida Sol, uma menina que ganha uma gaita de presente e, ao tocá-la, atrai a atenção por onde passa e começa a interagir com todos ao seu redor. Já Alessandra Ayres, pedagoga e tradutora de Libras, conta a história de dois velhinhos surdos, Mimi e Lulu, que começam a se comunicar em língua de sinais. Por conta disso, todos os bichinhos do jardim aprendem Libras para interagir com eles. O diferencial dos livros fica por conta da escrita em *SignWriting* em destaque nas páginas.

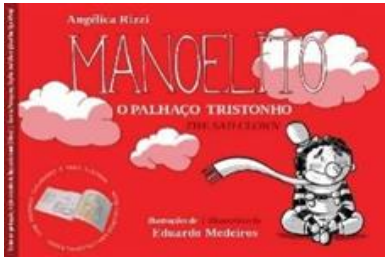
CAPA		Título: Manuelito, o palhaço tristonho
		Autora: Angélica Rizzi
		Tradutoras: - Patrícia Ughi Barbosa e Renata Heinzelmann
		ilustrador: Eduardo Medeiros
		Dados complementares: Ano de publicação 2014; Produção autônoma; Impresso; Obra Trilíngue: Língua Portuguesa/Inglês/SignWriting; livro confeccionado em papel reciclado; SW escrita na vertical; ilustrações duplicadas: uma colorida e outra para colorir; livro interativo; <Fonte: www.angelicarizzi.com >

Imagem 08 - literatura infantojuvenil em versão trilíngue (RIZZI, 2014).


CAPA		Título: Sol e as ovelhas
		Autora: Angélica Rizzi
		Tradutoras: - Patrícia Ughi Barbosa e Renata Heinzelmann
		ilustrador: Auracébio Pereira
		Dados complementares: Ano de publicação: 2010; Produção autônoma; Impresso; obra Trilíngue: SW escrita na vertical; Língua Portuguesa/Inglês/SignWriting; Livro confeccionado em papel reciclado; ilustrações duplicadas: Uma colorida e outra para colorir; livro interativo; Fonte:< www.angelicarizzi.com >

Imagem 09 - literatura infantojuvenil em versão trilíngue (RIZZI, 2010).


CAPA		Título: Os mistérios do jardim de Mimi e Lulu
		Autora: Alessandra Ayres
		Tradutora: Sônia Therezinha Messerchimidt
		ilustrador: Benhur Borges da Silva
		Dados complementares: Ano de publicação: 2015; Editora: Conceito; Impresso; obra bilíngue: LP/SW; Ilustração colorida; SW escrita na vertical; Livro Digital fonte: < www.amazon.com.br/mistérios-jardim-Mimi-Lulu-Português-ebook/dp/B07JHRGYDS >

Imagem 10 - literatura infantojuvenil em versão bilíngue (AYRES, 2015).

Outras obras como “Negrinho e Solimões” (2014), “Onze histórias e um segredo” (2016) e “Antônio, o viajante” (2018) são produzidas por Universidades e Institutos Federais com baixas tiragens, devido à redução de recursos financeiros que essas instituições vêm recebendo do Estado. Os Projetos “Curupira” e “Apoema” do Instituto Federal do Amazonas (IFAM) o Projeto “Mãos Livres” da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) são exemplos de ações inclusivas que necessitam de apoio do governo em todos os seus níveis

(municipal, estadual e federal), para assegurar à comunidade surda o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro.

CAPA		Título: Negrinho e Solimões
		Autora: Tatyana Sampaio Monteiro
		Tradutores: Madson Barreto e Raquel Barreto
		Ilustrador: Sérgio Barbosa Lopes Júnior
		Dados complementares: Ano de publicação: 2014, Editora: IFAM; Impresso + digital; Obra bilíngue LP/SW; SW escrita na vertical; digital: tradução em Libras no DVD; ilustração colorida; disponibilização de glossário ao final da obra; Núcleo de Tecnologia Assistiva do Instituto Federal do Amazonas – IFAM. <http://www2.ifam.edu.br/> Disponível em: http://www2.ifam.edu.br/proreitorias/extensao/proex/programa_s/napne-1/arquivos/negrinho-e-solimoes.pdf

Imagem 11 - literatura infantojuvenil em versão bilíngue (MONTEIRO, 2014).


CAPA		Título: Onze Histórias e um segredo: Desvendando as lendas amazônicas
		Autores: Arlice Lopes Monteiro et al.
		Organizadora: Taísa Aparecida Carvalho Sales
		Tradutores: João Paulo Ampessan, Tom Mim Alves e Débora Campos Wanderleyt
		Ilustrador: Edilson Moraes e Silva Dados complementares: Ano de publicação: 2016; Editora: IFAM; Impresso + digital; Obra bilíngue LP/SW; SW escrita na vertical; Digital: tradução em Libras no DVD; ilustração colorida; Material disponível em: http://www.signwriting.org Digital: https://goo.gl/RDNECC?fbclid=IwAR1ZjRj2CN7MnUBzQo-lzcvoAR-jr89PpPoj-Vbt6xS1crpBPsuavkrf90 Núcleo de Tecnologia Assistiva do Instituto Federal do Amazonas – IFAM http://www2.ifam.edu.br/

Imagem 12 - literatura infantojuvenil em versão bilíngue (MONTEIRO ET. AL., 2016).


CAPA		Título: Antônio, o viajante
		Autora: Melânia de Melo Casarin
		Tradutores: Aline Vieira Pedroso; Sonia Therezinha Messerschmidt
		Ilustradora: Raquel Buriol
		Dados complementares: Ano de publicação: 2018; Editora: UFSM; Impresso; digital disponível por meio de QR Code; obra bilíngue LP/SW; ilustração colorida; SW na vertical; Fonte: < http://projetoaoslivres.ufsm.br >

Imagem 13 - literatura infantojuvenil em versão bilíngue (CASARIN, 2018).

“Negrinho e Solimões” (imagem 11), numa edição classificada como acessível, possui: versão impressa, em arquivo pdf (disponível na internet) e em vídeo (com legenda, audiodescrição, ilustrações e interpretação em Libras). Não por acaso, o livro é uma releitura da “Lenda do Encontro das Águas”: o projeto foi executado pelo Núcleo de Tecnologia Assistiva do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), dando visibilidade tanto à autora e aos tradutores surdos quanto à literatura mitológica dos povos amazônicos.

368

Na releitura, os protagonistas surdos, índio Negrinho e princesa Solimões, se conhecem na floresta e se apaixonam. Os pais são contrários ao romance. Os adolescentes fogem numa canoa, mas cai um temporal e eles afundam no rio. Desde então, surge um fenômeno da ordem do fantástico: uma parte das águas se torna escura e a outra amarelada, e os personagens cumprem sua promessa: vivem juntos para sempre.

“Onze histórias e um segredo” (imagem 12) são, também, releituras de lendas que inserem nas criações do imaginário amazônico a língua, os hábitos e os valores do povo surdo. Seguindo o mesmo formato de edição de Negrinho e Solimões, são recriadas e traduzidas para SignWriting: “A cobra grande”; “Mapinguari”; “Lenda do Uirapuru”; “O boto cor-de-rosa surdo”; “Lenda da Vitória-Régia”; “A lenda da Mandioca”; “A lenda do Guaraná”; “A lenda do

Pirarucu”; “A lenda da Iara”; “Kauane, uma guerreira surda” e “O amor faz nascer um povo: a lenda da Família Baré Surdo”. E, ao final, se desvela o segredo: um glossário em escrita de sinais com o vocabulário que compõe o livro.

“Antônio, o viajante”, (imagem 13) foi produzido por Melânia de Melo Casarin (autora ouvinte), participante do projeto “Mãos Livres” da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 2018. O livro conta com versão impressa bilíngue e sinalizada, que pode ser acessada por meio de *QR Code* disponibilizado na quarta capa do livro. Antônio é um jovem surdo que viaja pelo mundo, conhecendo as diferenças culturais dos locais visitados. Apesar de o enredo não tratar de temática relacionada a costumes da vida dos surdos, provoca a discussão sobre a diversidade cultural, na medida em que Antônio percebe pessoas com modos de vida marcados por valores e comportamentos distintos. Portanto, nessa perspectiva, viver implica em estar em constante deslocamento e em negociação com diferentes visões de mundo. À parte disso, a narrativa em voga constrói uma representação de sujeito que não se fecha em um isolamento cultural, mas é receptivo ao novo, às trocas de experiências com pessoas de outras comunidades.

Balizados por Chartier (1991), entendemos que essas informações pré-textuais, textuais e visuais não são apenas estratégias mercadológicas para persuadir leitores ligados à temática da surdez. São, sobretudo, elementos que constituem a materialidade da obra, cuja significação está atrelada a um processo historicamente determinado. Assim, esses elementos, em consonância com a concepção bilíngue, marcam o surdo: a) como um cidadão com uma diferença linguística e cultural, não orgânica e não patológica; b) como um consumidor de cultura; e c) como leitor em potencial de inúmeras outras obras de literatura, desde que haja uma reconfiguração no formato canônico dos livros, com vistas a garantir a leitura literária em Libras.

A literatura bilíngue e o sistema literário

Qualquer reflexão sobre o estatuto da literatura bilíngue para surdos na atualidade não pode prescindir de uma contextualização sobre os aspectos sociais, políticos e econômicos em que essa produção cultural se insere.

Nessa lógica, é preciso conectar vários agentes para se pensar a constituição da literatura em Libras, já que esta se consolida na medida em que há a integração entre autores, obras e público, constituindo um sistema orgânico. Baseado na teoria sociológica da literatura elaborada por Candido, é possível afirmar que:

Como se vê, não convém separar a repercussão da obra de sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo o processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra, um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, seu efeito. (CANDIDO, 1965, p. 20).

A proposição de Candido é relevante para este estudo, pois provoca a discussão sobre a formação de um microssistema literário em Libras, que envolve: a) seus autores, b) suas obras, c) seus leitores, d) sua publicação, distribuição e integração ao sistema maior da literatura brasileira.

A observação sobre o perfil dos autores, tradutores e ilustradores da literatura em Libras revela que estes profissionais atuam como ativistas sociais, denunciando formas de exclusão social e, ao mesmo tempo, trabalhando para o reconhecimento da cultura produzida por sua comunidade. São, em sua maioria, sujeitos ligados ao movimento em prol do reconhecimento linguístico e cultural dos surdos: autores-professores universitários (Fabiano Souto Rosa, Mariane Stumpf, Liège Gemelli Kuchenbecker, Lodenir Karnopp, Karin Lilian Strobel, Tatyana Sampaio Monteiro) autores (Angélica Rizzi, Alessandra Ayres) tradutores de

SignWriting (Érika Vanessa de Lima Silva, Ana Paula Gomes Lara, Patrícia Ughi Barbosa, Renata Heinzelmann, Madson Barreto, Raquel Barreto, Sonia Therezinha Messerschmidt, João Paulo Ampessan, Tom Mim Alves, Débora Campos Vanderley, Aline Vieira Pedroso) e ilustradores (Auracébio Pereira, Benhur Borges da Silva, Edilson Morais e Silva, Eduardo Medeiros, Everaldo Manica Ficanha, Raquel Buriol, etc.). Ocupando diferentes lugares sociais, esses agentes movimentam uma arte literária engajada a qual se torna espaço para a afirmação da identidade surda e de suas vozes silenciadas.

No que tange às obras bilíngues, estas parecem reivindicar a demarcação da identidade e da cultura surda, não pela via da imposição sobre a cultura ouvinte, mas pelo diálogo entre o universal e o particular. Imagens distorcidas sobre os surdos, retratando-os como deficientes a quem falta a audição para serem enquadrados na categoria de seres “normais”, são ressignificadas nas obras já descritas no subitem anterior, em que os personagens são surdos e os enredos valorizam a língua de sinais e a experiência visual, artefatos culturais dessa comunidade. Nessas obras, a escrita de sinais é colocada em destaque na página, acompanhada pelo texto em português, em fonte reduzida no pé da página. Convém destacar que os efeitos estéticos do texto em escrita de sinais incidem especialmente sobre a configuração dos símbolos. Quanto mais se aproximarem do texto sinalizado maior a possibilidade de adesão do leitor e da compreensão do texto.

As obras bilíngues pressupõem um leitor surdo. No caso das obras traduzidas para SW, esse leitor é preferencialmente adulto, escolarizado em nível superior, com fluência tanto na Libras sinalizada quanto na escrita. Não desconsideramos a possibilidade de uma criança surda fluente em Libras manusear um livro bilíngue e, sem ajuda de um leitor experiente, compreender o texto em SW, mas a leitura é, de forma inequívoca, uma prática social, complexa de apropriação de conhecimentos e produção de sentidos. Nessa linha de raciocínio, as crianças não aprendem a ler de forma natural, mas elas

precisam ser ensinadas por leitores proficientes de modo que, paulatinamente, se sintam seguras para se engajarem nas atividades de leitura.

Diante do exposto, a formação de professores-mediadores de leitura literária em SW é fundamental para criar pontes entre os livros e os leitores, para que estes possam exercer o ato de leitura com direito de crítica e de liberdade. Os professores devem ser leitores experientes preparados para ajudar o aluno a se constituir como sujeito leitor. Para tal, não basta colocar o livro na mão das crianças. É necessário criar situações que promovam experiências de leitura, o que significa, dentre outras coisas: ler para/com as crianças, desafiá-las à interpretação do texto, proporcionar-lhes o conhecimento de novas culturas, incentivá-las a relacionar os textos lidos com a realidade da vida, pois “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (CHARTIER, 1996, p. 20).

Não se pode pensar em constituição de um sistema literário, sem trazer à discussão a indústria cultural envolvida na edição, publicação e distribuição dos livros impressos. Em princípio, causa certa estranheza o suposto desinteresse do mercado editorial na produção literária voltada à comunidade surda, haja vista mais de dez anos da promulgação da Lei de Libras. Convém destacar, aqui, um aspecto importante:

Desde a origem, a imprensa apareceu como uma indústria regida pelas mesmas leis que as outras indústrias e o livro como uma mercadoria que os homens fabricavam antes de tudo para ganhar a vida - mesmo quando, com os Aldo ou os Estienne, eram humanistas e eruditos ao mesmo tempo. Era-lhes necessário, pois, primeiramente achar capitais para poderem trabalhar e imprimir livros suscetíveis de satisfazer sua clientela, e isso a preços capazes de sustentar a concorrência. Pois o mercado do livro sempre foi semelhante a todos os outros mercados. (FEBVRE; MARTIN, 1992, p. 174).

Assim como no passado, na atualidade, cultura e mercado se unem para tornar a produção e difusão do livro um negócio que serve ao acúmulo do capital.

Nesse contexto, os editores, obviamente, só apostarão na publicação de “mercadorias” bilíngues, desde que estas tenham “venda garantida”, isto é, tragam aumento dos lucros, compensando os investimentos com a edição (artistas gráficos, tradutores, autores desconhecidos, etc.).

Por conseguinte, ainda que existam leis como a de acessibilidade 10.098/2000, garantindo a eliminação de barreiras na comunicação aos cidadãos para que tenham direito de acesso à informação, à educação e à cultura, caso não haja um número expressivo de consumidores, dificilmente haverá mobilização das editoras para dar conta dessas publicações. Nessa lógica, entendemos com Perrotti (1990) que “a formação de um quadro vivo de leitores não se dá no vazio ou apenas no acaso” (PERROTTI, 1990, p. 63). Portanto, para que a circulação dos livros e as práticas de leitura literária em Libras se efetivem, será necessária a articulação de diferentes campos (o Estado, a escola, o mercado, os mediadores) da sociedade com a implementação de ações específicas do poder público em prol dessa causa.

Este estudo teve como objetivo central apresentar a materialidade de obras literárias em versão bilíngue (Libras/português) direcionadas ao público infantojuvenil. A partir de uma abordagem exploratório-descritiva, foram categorizadas algumas características, semelhanças e diferenças entre as obras. Embora algumas dessas obras guardem semelhanças com obras da literatura infantil em geral (textos curtos, ilustrações em tamanho ampliado e coloridas, entre outros), as versões bilíngues estão direcionadas a um outro tipo de leitor e protocolo de leitura: um leitor que tome a expressividade do corpo como texto literário (no caso dos personagens em 2D) ou a representação de símbolos ideográficos (escrita de sinais pelo sistema *SignWriting*), que condensam sinais, expressão corporal e facial, exigindo o domínio da Libras sinalizada como referência para a compreensão dos símbolos escritos e, por conseguinte, a produção de sentidos.

Em relação ao público leitor infantojuvenil, a utilização do personagem em 2D pode ser considerada uma ferramenta facilitadora no entendimento do material impresso, ao passo que a escrita de sinais sugere um leitor relativamente fluente, algo que pode ser considerado contraditório, se considerarmos que, no Brasil, a maior parte das crianças surdas começam a ser alfabetizadas em Libras sinalizada nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Acerca dessa questão, importa registrar que esses objetos culturais ainda não figuram entre as preferências estéticas dos leitores surdos que, na maioria dos casos, se interessam por produções literárias audiovisuais em Libras. Contudo, dada sua importância cultural, social e artística, são necessários novos estudos sobre práticas mediadoras de leitura literária, que sirvam de subsídio para formação de professores, a fim de que as crianças surdas possam ser inseridas em contextos de produção de conhecimento, pautados em dinâmicas que superem a decodificação de símbolos, possibilitando a “apropriação da mensagem, do significado na multiplicidade de relações estabelecidas entre texto e leitor, entre textos, com o mundo” (LAJOLO, 1999, p. 105).

Dialogando com Lajolo, para que esse tipo de leitura se concretize, é preciso aproximar os livros dos leitores, ensiná-los a ler por prazer, por diversão, para ampliar seus conhecimentos, para exercer sua cidadania e o direito linguístico de conhecer e interpretar o mundo, a partir de sua língua de instrução.

Apesar dos muitos desafios a serem enfrentados, resta, ainda, dizer que a literatura em versão bilíngue desempenha um papel político e ideológico: inserir uma diferenciação cultural nos modos de ler textos impressos em que os sentidos são construídos a partir da compreensão de símbolos ideográficos que representam os discursos sinalizados em interações face a face.

Referências

- AYRES, A. **Os mistérios do jardim de Mimi e Lulu**. Tradução de Sonia T. Messerschmidt. Porto Alegre: Editora Conceito, 2015.
- BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem mistérios**. Salvador: Editora Libras Escrita, ed. 2, Vol. 1 2015.
- CANDIDO, A. A literatura e a vida social. In: _____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1965. p.17-35.
- CASARIN, M. de M. **Antônio, o viajante**. Santa Maria: Facos - UFSM, 2018. Tradução para escrita de sinais de Sonia Therezinha Messerschmidt e Aline Vieira.
- CASARIN, M. M. **A lenda da erva-mate**. Santa Maria - RS: Editora UFSM, 2006.
- CHARTIER, R. Aula inaugural no Collège de France. In: ROCHA, João César de Castro. (Org.) **A força das representações: história e ficção**. Chapecó, SC: Argos, 2011.
- CHARTIER, R. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, R. **O mundo como representação**. In: Estudos avançados, nº 11, v.s. 1991, p. 173-199.
- DALLAN, M. S. S. **Análise discursiva dos estudos surdos em educação: A questão da escrita de sinais**. São Paulo: Mercado das Letras, 2013.
- FEBVRE, L.; MARTIN, H-J. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Unesp, 1992.
- GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- LAJOLO, M. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.
- LAJOLO, M. (Org.). **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 1999.
- KARNOPP, L. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. In: LUNARDI - LAZZARIN, M. L. (Org.) **Cadernos de Educação**. Pelotas, nº 36 p. 155-174. Maio/agosto 2010.
- KUCHENECKER, L. G. **O feijãozinho Surdo**. Tradução para escrita da língua de sinais: SILVA, E. V. L. e; LARA, A. P. G. Canoas/ RS: Editora da ULBRA, 2009
- MONTEIRO, T. S. **Negrinho e Solimões**. Tradução de Madson Barreto e Raquel Barreto. Manaus, AM: BK Editora, 2014.
- MORAIS, C. D. **Escritas de sinais: supressão de componentes quirêmicos da escrita da libras em SignWriting**. 2016. 597 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. 2016.
- PERROTTI, E. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

- RIZZI, A. **Manoelito: o palhaço tristonho**. Tradução de Patrícia U. Barbosa, Renata Heinzemann, Márcia C. R. C. Marques. Porto Alegre: Ed. do Autor, 2014.
- RIZZI, A. **Sol e as ovelhas**. Tradução de Patrícia U. Barbosa, Renata Heinzemann, Márcia C. R. C. Marques. Porto Alegre: Ed. do autor, 2010.
- SALES, T. A. C. (Org.). **Onze Histórias e um Segredo: desvendando as lendas amazônicas**. Manaus: IFAM, 2016. p. 186-187. Tradução para escrita de sinais de Débora Campos Wanderley, João Paulo Ampessan e Tom Mim Alves
- SILVA, A. D. S.; *et al.* **Os sistemas de escrita de sinais no Brasil**. Revista Virtual de Cultura Surda. Arara Azul. Ed. 23. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/2%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%20de%20SOUSA%20SILVA%20e%20Outros.pdf>> Acesso em: 20 abril 2019.
- SILVEIRA, C. H.; ROSA, F. S.; KARNOPP, L. B. **Cinderela Surda**. Canoas/ RS: Editora da ULBRA, 2003.
- SILVEIRA, C. H., ROSA, F., KARNOPP, L. B. **Rapunzel Surda**. Canoas:ULBRA, 2005.
- STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: língua de sinais no papel e no computador**. UFRGS. Tese de doutorado 2005. P.43. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5429>. Acesso em: 25 junho 2018.
- STUMPF, M. R. **Escrita de Sinais III**. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: <<http://www.SignWriting.org/archive/docs6/SW0569-BR-2008-Stumpf-ELSIIL.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2019.
- SKLIAR, C. **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.
- STROBEL, K. **Uma menina chamada Kauana**. Tradução: STUMPF,
- ROSSI, M.; COSTA, A. C. R. da. Rio de Janeiro: FENEIS, 1997. Disponível em: < <http://SignWriting.org/library/children/uma/uma.html#anchor344515> > Acesso em: 19 set. 2019.